

5- Conclusão

O percurso da minha pesquisa levou-me a perceber uma oportunidade em aplicar um procedimento de escrita da literatura nas aulas que ministro de proximidade. Enxergar o cotidiano e o universo em que eu estava inserido foi levado totalmente a risca no meu papel de pesquisador. Percebi que o valioso em um processo de pesquisa, que tem como força motriz o conceito do incomensurável de Lyotard, é dado a alguns percalços.

No intuito de relatar uma conclusão, busco na palavra acima percalços, alguns dos apontamentos do processo de pesquisa e também para futuras aplicações e desmembramentos da disciplina nos semestres vindouros como professor na PUC-Rio.

O primeiro percalço, e o mais evidente, era como agregar um procedimento literário de um escritor francês a uma aplicação em exercícios da disciplina? Afinal, foi com o intuito de estudar esse autor que entrei no Mestrado da PUC-Rio e não poderia abandonar uma pesquisa elaborada no anteprojeto e durante um ano inteiro. Não seria bom para mim assim como também para a instituição da qual faço parte.

Encarei o desafio e, ao invés de considerar um obstáculo no caminho, considerei o primeiro significado que a palavra percalço possui: um ganho. Estou, eu mesmo, utilizando-me do procedimento de repetição da escrita de Raymond Roussel, na sua duplicação semântica, pois a palavra percalço é mais familiarmente utilizada em seu significado como contratempo, dificuldade ou transtorno.

Contudo, o percalço como comumente conhecemos o seu significado de dificuldade estava posto. A questão ficava travando a minha pesquisa bibliográfica e, como boa dificuldade, foi através da mesma que percebi as similitudes em alguns tópicos. Tópicos que me surpreendiam por sua topologia visto que eram mais geográficos do que conceituais. A questão do deslocamento,

do percurso, de vivenciá-lo em sua plenitude, estava posto nos autores que investigava tanto para aproximar o conteúdo da disciplina aos alunos como nas ficções que Raymond Roussel criou com o uso do procedimento de duplicação semântica. O deslocamento de significados por si só é um fluxo que gera movimentos, mesmo que sejam unicamente no sentido das palavras. E isto gera narrativas cotidianas, da história do dia-a-dia, como conceitua Maffesoli. Esta história mostrou-se mais valiosa com a aplicação dos exercícios empíricos em sala de aula do que somente com a explanação expositiva, a qual os alunos estavam acostumados anteriormente quando não eu havia assumido a disciplina.

O primeiro percalço mantém ainda uma pequena problemática: a pesquisa que ora se finaliza não foi apresentada em sua totalidade para os alunos, principalmente aos do último semestre de 2012, quando eu experimentava o procedimento semântico de Roussel ao se observar o mesmo objeto em dois tempos diferentes, para perceber variações de sentido. Isto é, não revelava a experimentação do procedimento literário, pois percebia que isso poderia confundir em vez de esclarecer os alunos sobre o ganho de conhecimento da disciplina. Todavia, temos uma surpresa que pode ser considerada um ganho que só apareceu por essa ausência de informação aos alunos.

O segundo percalço transformou-se em um processo interessante de empiria ainda não realizado na disciplina. Uma tentativa de execução de um módulo, que não ousou chamar de metodologia, na observação do cotidiano dos alunos. Aproximá-los do seu contexto cotidiano e dos objetos que os cercam como questão de pertencimento a uma região específica ou alguma mudança nos objetos efetuada pela cultura local e que ainda pode ser partilhada por muitos em seu trajeto perto do lugar em que residem, acabou tornando-se uma série de narrativas imagéticas, em que alguns alunos começaram a novamente enxergar sua riqueza somente no final do curso da sua habilitação. Esse lance no jogo, como define Lyotard, mostrou-se construtivo com a utilização do procedimento de Raymond Roussel e, como lance livre, configura uma possibilidade de metodologia empírica que até então não havia sido articulada no meio acadêmico no campo do design na PUC-Rio para essa disciplina.

Além de fazer com que percebessem objetos que estão próximos a eles e que não mais percebiam pela atribulada vida contemporânea; alguns desses alunos começaram a compreender que se afastar do cotidiano, ou seja, buscar projetos que inventam pela simples demanda do que acreditam ser o mercado com ferramentas ensinadas durante o trajeto do curso, pode estar muito mais longe do mesmo, pois são ideias apartadas do que é mais próximo da realidade.

Para o Departamento de Artes e Design, que desde seu início preza por uma percepção do campo social em todo o seu percurso nas aulas de projeto, descobrir que os alunos se afastam do que o departamento busca na finalização do curso, foi uma surpresa que pude também perceber em alguns projetos finais aos quais tive a alegria de ser co-orientador. Alguns desses alunos co-orientados buscavam o que era social em regiões muito distantes deles, o que é construtivo, entretanto esqueciam que o campo social estava mais próximo do que imaginavam, como por exemplo, no seu bairro. Isto ser recuperado para alguns sujeitos no final da universidade antes de se tornarem efetivamente designers, mostrou como a disciplina proxemia estava indo de encontro a sua habilitação principal: projeto de produto.

Para muitos designers, projetar é um de seus papéis e quando aproximamos esse trabalho a ser realizado com uma simples observação das histórias cotidianas que alguns objetos oferecem em seu uso na cidade, como uma delinquência no discurso, ou seja, com diferentes usos e desvios para os quais não foram projetados, aproximamos do conceito de Certeau, de que, ao contrário de uma criminalidade, pode ser uma diferença no uso do objeto em sua função principal. E, conseqüentemente, uma delinquência em reserva do discurso desse objeto e que revela uma dimensão oculta, parafraseando o título do livro de Hall.

Nesse uso do objeto de maneira invertida e não programada, muitas das vezes, capturamos através dos registros realizados pelos alunos nas aulas. Oferecem uma narrativa dos seus cotidianos, da ordem do lugar em que vivem. São reveladas histórias através do que se registra cotidianamente, como o exercício da aluna Martha Pedalino apresentado no capítulo quatro, em plena delinquência de uso dos *blocos de concreto* em uma via de passagem de pedestres. Confirma assim, com esse exemplo, a visão do conceito de delinquência no

percurso, ao qual Certeau se refere ser a proxemia. Uma delinquência sobre o Estado. A história do lugar utilizada como uma leitura de signos, no caso os objetos, que ensinam anteriormente do que as palavras como Pasolini tão bem assinala. A linguagem dos objetos como fonte principal para diagnósticos e prognósticos projetuais.

O terceiro percalço, no seu sentido mais comum, como dificuldade, leva a questões que ficam a ser ainda analisadas para o ensino da disciplina. Como reelaborar o exercício proposto e confiar nos registros de cada aluno? Será que o fazem como requisitado porque muitos apresentaram de maneira desorganizada. Por vezes, alguns alunos simplesmente não mostravam em algumas semanas o trajeto perto de sua casa, apesar de ter o tempo de uma semana entre uma aula e outra. Como confiar nesses registros? Como professor da disciplina, há um grau de subjetividade que vai depender de como cada aluno será no meio profissional do design. A seriedade que cada um leva uma disciplina que antes era teórica e agora um pouco mais empírica é percebida no contato com os alunos e com o professor. Percebem-se os envolvidos e os que não se envolvem. E esta questão da confiança, certamente, por mais regras ou métodos que se estabeleçam, continuará em um nível abstrato.

O quarto percalço é entender se os registros precisam ser somente fotografias ou podem ser desenhos, como utilizado pela aluna Julia Sá no primeiro semestre em que ministrei a disciplina? É uma questão que ainda me pergunto. Na abertura do seu livro *Diferentes, Desiguais e Desconectados*, Canclini (2009) faz uma citação do antropólogo Geertz "Se você não sabe a resposta, discuta a pergunta." E são elas que me moveram desde o início do trabalho de pesquisa, ainda mais intensificadas quando encontrei o sujeito – os alunos de proxemia - no qual seria aplicada a empiria do procedimento de escrita do autor Raymond Rousel.

Por exemplo, uma das alunas, tocada pela questão da narrativa e da investigação da cidade, fez um livrinho de colagens com apontamentos mais poéticos e conceituais ao ler os textos expostos em sala de aula e que poderiam pela livre iniciativa do lance, no caso dela mais subjetivo, promover um novo prisma ao olhar o ensino da proxemia.

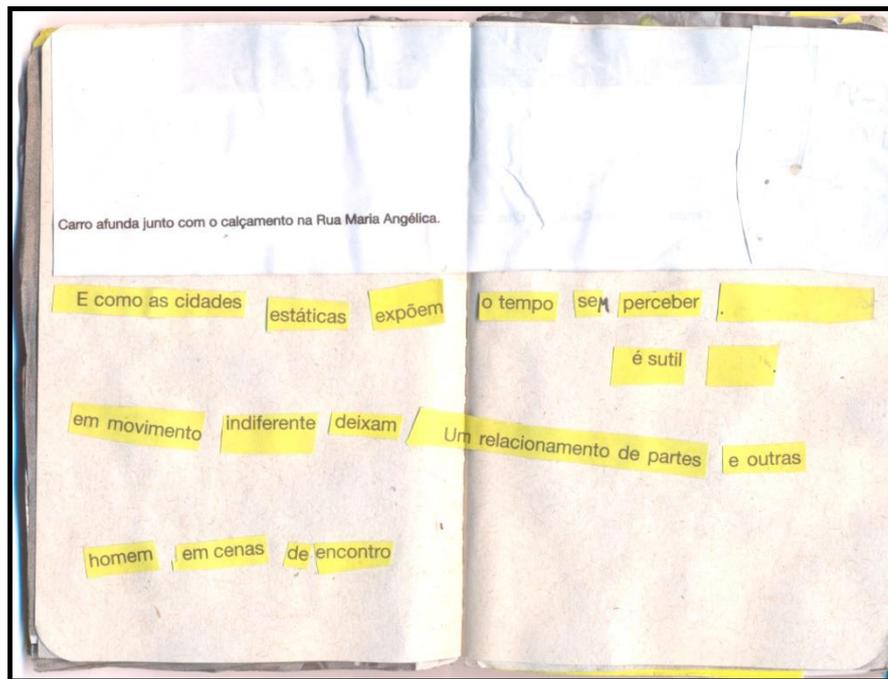


Figura 22 – Parte do livro de anotações da aluna Martha Pedalino

Através de um exercício realizado pela aluna por sua vontade de investigar o que a tocava, fui pego de forma verdadeira pela troca em que existe nos vínculos sociais dentro de uma instituição. Não posso deixar de dar um crédito a essa aluna no sentido de me fazer pensar o como podemos ser mais livres na hora do ensino em sala de aula e, do quanto, no papel de professores, passamos adiante apenas os caminhos, os trajetos, os fluxos, mas não totalmente o conhecimento. Neste caso específico, eu ganhei o conhecimento, que se transformou em dúvida, em questão da qual não sei ainda a resposta. Deixar mais livre? Como? Ou simplesmente manter a empiria do jeito que foi realizada e o aluno que quiser ensinar ao professor se manifestar da maneira que melhor lhe aprouver? Neste momento, o vínculo social e sua linguagem, como Lyotard destaca, atravessam-se e produz muito mais que um lance: promove um conhecimento duplo. Uma duplicidade não programada, não categorizada e, por essa essência, rica em nos mostrar outras faces que ainda não se podem nomear.

O quinto percalço é o do quanto alguns registros fotográficos precisam ser melhorados pelos alunos de design, principalmente por se encontrarem antes de iniciar sua vida profissional no mercado de trabalho. Foi uma surpresa infeliz de

termos registros em matéria de qualidade muito abaixo do nível que um Departamento de Artes e Design deseja. Isto fica exposto de maneira mais evidente e gritante quando percebemos que existem tecnologias com boa qualidade nos telefones celulares, mas também pode revelar o quanto os alunos desejam apenas serem aprovados na disciplina, demonstrando um desleixo nos trabalhos apresentados.

O último, se é que posso chamar de sexto e último percalço, é o fortalecimento do campo teórico através dos exemplos empíricos realizados pelos alunos, os verdadeiros pesquisadores deste trabalho. Com o olhar deles pude trazer elementos para minha pesquisa que não conseguiria somente com o meu próprio olhar. O procedimento de duplicidade semântica de Roussel auxiliou em enxergar os objetos que podemos chamar de delinquentes, de como na realidade, seu uso secundário manipulado por uma determinada região e cultura pode nos revelar oportunidades de histórias para futuros projetos ainda mais factíveis. A experimentação e a vivência do cotidiano oferece uma imersão no campo tático, da operação e do fazer.

A aposta no procedimento literário de um autor francês se mostrou ser feliz para o campo do design na sua aplicação na disciplina proxemia. Um percalço com duplo sentido: o mais familiar de contratempo e, também, o de ganho.

Esta conclusão termina com a ideia de que o poderoso é o cotidiano. Minha obsessão pelo autor Raymond Roussel tem um espaço em que pode ser hoje auferido, mas principalmente, produzir saberes para o meio acadêmico, com a capacidade de gerar pequenos relatos que outrora eram produzidos e ainda assim ficavam ocultos. Podemos agora observa-los e registra-los no ensino da proxemia no campo do design.